

MEIRE ALVARASINI DE ARAUJO

**DIVÓRCIO PARENTAL, DEPRESSÃO INFANTIL E DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM**

MARINGÁ

2011

MEIRE ALVARASINI DE ARAUJO

**DIVÓRCIO PARENTAL, DEPRESSÃO INFANTIL E DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM**

Artigo apresentado à Universidade Estadual
de Maringá – UEM, como parte das
exigências para a conclusão do Curso de
Pedagogia, sob a orientação da Profa Dra
Solange Franci Raimundo Yaegashi

MARINGÁ

2011

MEIRE ALVARASINI DE ARAUJO

Divórcio parental, depressão infantil e dificuldades de aprendizagem

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do Título de Pedagoga, sob a orientação da Professora Doutora Solange Franci Raimundo Yaegashi.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Solange Franci Raimundo Yaegashi
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^a Dr^a Leonor Dias Paini
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^a Ms Celma Regina Borghi Rodriguero
(Universidade Estadual de Maringá)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu forças e coragem para trilhar uma caminhada longa e difícil.

Ao meu querido esposo, que sempre esteve ao meu lado me incentivando carinhosamente.

Aos meus pais que me deram forças para começar a andar neste longo caminho que optei por trilhar.

Aos meus familiares que sempre me incentivaram e estiveram sempre solícitos em ajudar-me nas dificuldades.

Às minhas amigas de São Paulo, que me incentivaram a fazer a faculdade.

Aos meus colegas de sala, que estiveram juntos neste mesmo caminho e que de algum modo contribuíram para o meu crescimento profissional.

Aos professores que se dedicaram para nos tornar profissionais mais competentes, o meu muito obrigado.

E, por fim, agradeço à professora Solange, por ter sido fundamental na realização deste trabalho, e que é um grande exemplo para mim, profissionalmente.

DIVÓRCIO PARENTAL, DEPRESSÃO INFANTIL E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Meire Alvarasini de Araujo¹
Solange Franci Raimundo Yaegashi²

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo estudar as repercussões do divórcio sobre o desenvolvimento infantil. Em outras palavras, buscou-se verificar se o divórcio dos pais pode contribuir para o desenvolvimento do quadro de depressão infantil e, conseqüentemente, para o engendramento das dificuldades de aprendizagem. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza teórica, enfocando as relações estabelecidas entre o divórcio parental, a depressão infantil e as dificuldades de aprendizagem da criança em idade escolar. Este estudo justificou-se pela necessidade de conhecermos melhor o quadro de depressão infantil e contribuir para que pais e educadores possam identificar crianças acometidas desse problema e encaminhá-las para um tratamento adequado. Verificou-se que o maior problema no momento do divórcio parental não está na situação em si, mas, em como os envolvidos lidam com a situação, sobretudo, os pais. Chegou-se à conclusão que o divórcio, embora seja um processo assimilável nos dias atuais, traz consigo a necessidade de um acompanhamento da criança por parte dos pais, familiares, educadores, pedagogos e demais profissionais que estão envolvidos com o desenvolvimento infantil. Tal acompanhamento torna possível identificar o desencadeamento da depressão infantil e das dificuldades de aprendizagem de crianças em idade escolar.

Palavras-chave: Divórcio parental; desenvolvimento infantil; depressão infantil; dificuldades de aprendizagem.

PARENTAL DIVORCE, CHILDISH DEPRESSION AND LEARNING DIFICULTIES

Abstract: The aim of this work is to study the divorce effects in the children developing. In other words, this is an attempt to verify if parental divorce may contribute to the childish depressing development and in resultant learning difficulties. In this way, it was done a theoretical research about the relationship between the parental divorce and learning difficulties in scholar age children. This study is important due to the need of knowing better the childish depression state and to contribute to parents and educators to identify attacked children and care them suitably with the right treatment. It was seen that the main problem of parental divorce is not the own situation, but the way that involved person react to the situation, specially the parents. It's possible conclude that the parental divorce, in spite of to be assimilable in the recent days, makes necessary a child attendance by the parents, relatives, educators, pedagogists e other professionals

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

² Psicóloga e Profª. Drª do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM e Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

involved with children development. The children attendance turns possible identify the childish depression development and scholar age children learning difficultties.

Key-words: Parental divorce; learning difficultties; children developing; childish depression.

Introdução

O interesse em investigar as relações existentes entre divórcio parental, depressão infantil e dificuldades de aprendizagem, surgiu pelo fato de, ao estudar o assunto, observarmos que estas relações podem causar danos significativos no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança. Biblarz (2000, *apud* NUNES-COSTA; LAMELA; FIGUEIREDO, 2009) aponta que ao longo das duas últimas décadas, crianças de pais separados têm apresentado menor rendimento e interesse sobre assuntos escolares, se observadas em relação às crianças de famílias intactas. Com isto, podemos justificar nossa preocupação em investigarmos essa questão.

Assim como observamos em outros países ocidentais, no Brasil a incidência do divórcio também é cada vez maior. Pesquisas apontam seu crescimento ano após ano. Segundo Ramires (2004), na década de 1990, um em cada quatro casamentos terminaram em separação e na atual década este percentual passaria de 48 para 52%, resultando em um número maior de separações do que de casamentos. Fica claro, portanto, que esta nova configuração familiar está presente na vida de um extenso número de crianças.

A separação dos pais modifica substancialmente a vida cotidiana dessas crianças. Souza (2000) explica que é muito difícil para as mesmas enfrentarem tais mudanças na estrutura familiar, sendo um processo de adaptação bastante doloroso, repleto de estresse, pois envolve múltiplas perdas. Neste sentido, Souza (2000, p. 210) ainda salienta que:

A crise provocada pelas mudanças no espaço doméstico e pela menor disponibilidade de relacionamento com um dos genitores é potencializada pelas mudanças na rotina de vida e na rede social que, se minimizadas, provavelmente reduziriam as dificuldades infantis.

Nesta mesma perspectiva, os estudos de Sobolewski (2007, *apud* NUNES-COSTA; LAMELA; FIGUEIREDO, 2009, p. 387) demonstraram que:

[...] as crianças em idade pré-escolar apresentam maior risco ecológico e desenvolvimental para trajetórias sociais e emocionais desadaptadas em comparação com crianças de mais idade. Estruturas cognitivas e emocionais imaturas das crianças fazem com que, por um lado, elas sejam menos capazes de avaliar realisticamente as causas, os processos e as consequências da separação e, por outro, centralizem em si a responsabilidade da ruptura entre os pais, ao que se alia a incapacidade de procurar apoio junto a fontes extrafamiliares para diminuir o seu nível de aflição.

Neste sentido, conseguimos perceber que quanto maior for o grau de dependência da criança em relação aos pais, mais árduo será o processo de adaptação a um novo ritmo de vida. Souza (2000, *apud* CANO e cols., 2009, p. 217) destaca a dificuldade da família em tratar do assunto da separação com os filhos menores quando diz que:

As famílias com filhos pequenos têm dificuldade na comunicação sobre a decisão de separação do casal, o que pode gerar confusão para os filhos sobre o que está acontecendo. Frequentemente, a falta de comunicação intrafamiliar ocorre pela idéia de que falar pode prejudicar a criança, de modo que os filhos mantêm o silêncio, que é compreendido pelos pais como ausência de dificuldades.

Essa atitude dos pais, diante dos filhos, no processo de separação, pode gerar nas crianças, conforme Souza (2000, *apud* CANO e cols., 2009) alguns sentimentos negativos como tristeza, raiva, angústia e medo do que estaria para acontecer, sobretudo, após a saída de um dos pais de casa. Compartilhando deste pensamento, Ramires (2004, *apud* CANO e cols., 2009, p. 217) salienta que

[...] quanto menores são as crianças, mais elas apresentam desejos e fantasias de terem a família novamente reunida, ao passo que as crianças com idade escolar, geralmente as mais vulneráveis, apresentam queixas escolares, profundo sentimento de perda, dor e pesar.

Neste sentido, dependendo da idade que a criança tiver no momento da separação, suas dificuldades de adaptação serão diferenciadas umas das outras. Essas dificuldades serão percebidas em seu comportamento cotidiano, dentro de casa, na escola e em seu ambiente social, entre amigos e familiares mais próximos.

Assim, a problemática que pretendemos focar no presente estudo pode ser colocada da seguinte forma: Quais as relações existentes entre divórcio parental, depressão infantil e dificuldades de aprendizagem?

Com base nesta questão, o objetivo do presente estudo é investigar as repercussões do divórcio sobre o desenvolvimento infantil. Em outras palavras, pretende-se verificar se o divórcio dos pais pode contribuir para o desenvolvimento do quadro de depressão infantil e, conseqüentemente, para o surgimento das dificuldades de aprendizagem. Este estudo justifica-se pela necessidade de conhecermos melhor o quadro de depressão infantil e os problemas associados a esta doença e contribuir para que pais e educadores possam identificar crianças acometidas desse problema e encaminhá-las para um tratamento adequado.

O presente artigo foi subdividido em três partes. Na primeira abordamos o divórcio e os rompimentos ocorridos durante seu processo. Na segunda parte, ressaltamos quais são as repercussões do divórcio sobre a criança e quais os problemas que este pode causar na vida da mesma. Por último, abarcamos as possíveis ligações entre a depressão infantil e as dificuldades de aprendizagem.

1. Divórcio parental: rompendo vínculos

Nas últimas décadas, podemos observar mudanças socioculturais, devido entre outras coisas, ao crescente número de divórcios e uma respectiva mudança na estrutura familiar. Para Hack e Ramires (2010, p. 87), o modelo básico de família, constituído por pais e filhos ligados biologicamente, foi superado, entre outros fatores, “*pelo crescente aumento de separações conjugais e posteriores recasamentos e a inserção da mulher no campo de trabalho*”, permitindo com isso novas formas de configuração e organização familiar.

O divórcio parental se distingue do divórcio conjugal por representar a separação do casal que têm filhos pequenos, adolescentes e até mesmo adultos, podendo isto conferir a toda família uma situação ainda mais complexa neste momento. Na literatura pesquisada, não há relatos de estudos feitos com filhos adultos, devido, talvez, ao fato

de que, nesta idade, geralmente, os filhos já não são dependentes dos pais e muitas vezes já constituíram suas próprias famílias. Já no que diz respeito ao impacto do divórcio sobre os filhos pequenos e adolescentes, há uma extensa lista de estudos realizados.

Esses estudos apontam que o divórcio parental traz mudanças significativas na estrutura familiar, sobretudo, para os filhos que estão juntos dos pais. Podemos observar claramente isto, quando Souza (2000, p. 208) afirma que:

A criança acaba tendo que enfrentar não só as modificações da estrutura e funcionamento familiar, mas também tem que enfrentar alterações profundas em sua rotina de vida, o que, por si só, é extremamente doloroso. O número e diversidade das mudanças relatadas apontam para a quantidade de estresse envolvido, o qual requer das crianças um número tal de adaptações que dificilmente poderiam ser enfrentadas, mesmo por um adulto.

Como exposto acima, podemos ressaltar que a separação dos pais, para os filhos menores, revela-se um processo bastante delicado, que deve ser acompanhado atentamente pelos pais, familiares e profissionais que acompanham o desenvolvimento da criança, para que assim, essa transição provoque menos danos ao desenvolvimento infantil.

Ramires (2004, *apud* CANO e cols., 2009, p. 217-218) relata que os vínculos constituídos e a qualidade dos mesmos garantem, sobretudo, para as crianças mais novas, melhor adaptação frente às mudanças ocorridas em decorrência do divórcio e que *“quanto maior o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, melhor a capacidade de enfrentamento das crianças e adolescentes, favorecendo, dessa forma, os mais velhos”*.

Cano e cols. (2009, p. 210) salientam que o divórcio é um processo singular para a vida de cada membro da família, trazendo consigo alguns impactos para a vida dos mesmos, e que isto *“depende de alguns fatores (econômico, social, cultural, religioso), e, ainda, das redes de apoio que se estabelecem ou não”*. Por meio desses fatores, dar-se-ão os diferentes graus de complicações na estrutura familiar que está se reformulando.

Pensando sobre os vínculos familiares e os fatores que causam impactos na vida de cada membro da família em relação ao divórcio, podemos dizer que, dependendo de como este processo se desenvolve, maiores ou menores serão os aspectos que podem prejudicar o desenvolvimento saudável da criança. Neste sentido, Ramires (2004, p. 185) explica que:

O ajustamento infantil parece estar diretamente relacionado à quantidade e à qualidade do contato e ao vínculo que a criança estabelece com as figuras parentais - tanto a que detém quanto a que não detém a guarda -, ao ajustamento psicológico da figura parental que detém a guarda, sua capacidade de cuidado, ao nível de conflito existente entre os pais após o divórcio, ao nível de dificuldades socioeconômicas e à quantidade de eventos estressores adicionais que incidirem sobre a família nesse momento de transição.

Ainda em consonância com o que foi exposto acima, Mc Connel, Sim e Schwartz (1997, 1999, *apud* SOUZA, 2000, p. 203) afirmam que:

As adaptações infantis, consideradas sob uma perspectiva temporal, dependem, por um lado, da quantidade e qualidade do contato com a figura parental não detentora da guarda e, por outro, do ajustamento psicológico e da capacidade de cuidado da figura parental detentora da guarda, do nível de conflito entre os pais após a separação ou o divórcio, do nível de dificuldades sócio-econômicas e do número de eventos estressores adicionais que incidiram sobre a vida familiar

Assim, é importante que os pais estabeleçam uma relação parental saudável, com o mínimo de conflitos. Diante da separação, Nunes-Costa, Lamela e Figueiredo (2009, p. 388) esclarecem que:

Em primeiro lugar, a partilha de um estilo parental democrático por ambos os pais têm um forte impacto sobre a possibilidade de bom ajustamento da criança à separação, padrão caracterizado por menor prevalência de depressão, melhores índices de autoestima e menos relatos de comportamentos de oposição.

Portanto, se os pais, após o divórcio, conseguirem estabelecer uma relação cordial e amistosa, melhores serão as adaptações da criança diante das novas mudanças na estrutura familiar e os sofrimentos decorrentes desse momento serão minimizados.

2. O divórcio e suas repercussões sobre a criança

Como já evidenciamos ao longo deste estudo, o divórcio parental influencia diretamente na vida dos filhos, causando-lhes inúmeras maneiras de se adaptar à nova realidade familiar. Com vistas a isso, nos atentaremos em analisar as múltiplas repercussões que o divórcio incide sobre o desenvolvimento integral das crianças em idade escolar.

Logo após a separação, Ramires (2004, p. 185) evidencia que:

As crianças têm que lidar com as alterações na rotina de vida, a saída de casa de um dos pais, a família extensa, a situação econômica, as brigas, as mudanças no seu relacionamento social e seu comportamento no lar e na escola. Além disso, a separação conjugal conduz à reorganização da vida afetiva, social, profissional e sexual dos pais, modificando, às vezes dramaticamente, a rede de convivência e apoio das crianças e introduzindo, ao longo do tempo, a necessidade de relacionamento (e rompimento) com os novos parceiros dos pais e seus possíveis filhos e familiares.

Podemos perceber, então, que além das inúmeras mudanças decorrentes do divórcio dos pais, também se estabelecem novas adaptações na vida dos filhos, devido aos múltiplos fatores envolvidos nesse processo. Por isso, entendemos que o divórcio parental revela-se muito mais complexo do que a simples separação conjugal entre casais.

As novas adaptações frente ao divórcio só se tornam um problema real para as crianças à medida que as mesmas apresentam dificuldades para lidar com tais adaptações. Entre essas dificuldades, evidenciamos às de natureza física, intelectual, comportamental e emocional. Neste sentido, a literatura tem mostrado que essas dificuldades aparecem geralmente em períodos durante e após o divórcio, sobretudo os sentimentos de perda, medo, culpa e abandono.

Um dos aspectos mais importantes dos divórcios parentais é a relação entre pais e filhos. Conforme o que dizem Hack e Ramires (2010, p. 94), os problemas de adaptações dos filhos serão agravados ou não, dependendo de como estas relações se estabelecem. De acordo com os autores,

[...] de modo geral, as pesquisas, independentemente da variável enfocada ou da metodologia utilizada, sugerem que o divórcio

parental passa a ser um fator de risco para os filhos, caso tenha se consolidado um afastamento entre eles e as figuras parentais. A sensação de abandono e desamparo cria uma situação de vulnerabilidade, propiciando o aparecimento ou a potencialização de desajustes. Porém, é preciso acrescentar que em muitos casos a fragilidade nos relacionamentos entre pais e filhos já é constatada muito antes do divórcio.

Assim, podemos afirmar que essas relações são determinantes para estabelecer, sobretudo, após o divórcio, os ajustes necessários aos filhos diante da nova realidade familiar. Se a relação entre pais e filhos, neste processo, for bem encaminhada e bem resolvida, com o tempo os filhos se ajustarão ao novo ambiente familiar com tranquilidade e segurança. Souza (2000, p. 210) sugere que:

Os pais podem explicar aos filhos os motivos da separação e que esta não os envolve, mas também precisam informar acerca dos aspectos de sua vida que, de fato, se modificarão, dali para frente. Além disso, precisarão repetir a informação várias vezes e nos diferentes momentos de ajustamento infantil: pré-separação, crise inicial e período de adaptação.

Portanto, é essencial que os pais privilegiem o diálogo, se colocando à disposição dos filhos para esclarecimentos de dúvidas que possam surgir neste momento. Contudo, pode haver problemas nas relações familiares e esse diálogo torna-se inviável. Neste sentido, Ramires (2004, p. 186) explica que:

As alterações nas relações entre pais e filhos podem estar associadas com estresses temporários e necessidades emocionais dos membros familiares, além das outras ameaças reais ou fantasiadas ao bem-estar da criança, as quais são supostas pela incerteza da situação. Neste período, portanto, estresses associados com conflito, perda, mudança e incerteza podem ser os fatores críticos.

Na ocorrência desses fatores críticos, conforme o exposto acima, prejuízos poderão ser acarretados tanto na vida dos pais, quanto na dos filhos. Como já mencionado anteriormente, nosso interesse é evidenciar as dificuldades apresentadas no desenvolvimento das crianças em idade escolar. Nesta perspectiva, Ribeiro e Souza (1989, 1999 *apud* Souza, 2000, p. 207) afirmam que, após vários anos da ocorrência do divórcio, os filhos referem-se à separação com um acontecimento que causou muita angústia. Os autores explicam que:

Todos referiram-se ao grande sofrimento em relação à separação dos pais, mesmo reconhecendo, em retrospectiva, que a separação foi uma solução. Os sentimentos descritos foram de tristeza, medo, medo do que iria acontecer, angústia, fechamento e raiva, assinalando a condição de desamparo das crianças, conforme descrito em trabalhos anteriores.

Relacionado a isso, Amato, Wallerstein e Kelly (2001, *apud* HACK; RAMIRES, 2010, p. 89) também dizem que, *“é comum os filhos sentirem-se mais deprimidos e irritados, podendo apresentar queda no rendimento escolar, problemas de ajustamento e de relacionamento interpessoal”*.

É essencial, portanto, que não só os pais, como as demais pessoas que estão próximas a essas crianças, estejam atentas ao comportamento das mesmas, para que assim, tais desajustes não se intensifiquem ou perdurem ao longo do tempo. Souza (2000, p. 210) sugere que: *“Tal demanda conduz novamente à necessidade de se promover a orientação de pais, uma relação co-parental positiva depois da separação e um aprimoramento na comunicação pais-filhos”*.

Assim, por ser o divórcio um processo complexo e doloroso para as crianças, os familiares e profissionais da área de educação, que geralmente estão em contato com elas, devem ficar atentos quanto às suas necessidades, para que possam, desta forma, identificar de algum modo, possíveis problemas que as mesmas possam vir a apresentar neste período. Para exemplificarmos isso, podem ser identificados nesse processo, sintomas da depressão infantil, os quais serão evidenciados a seguir.

3. Depressão infantil e dificuldades de aprendizagem

A depressão infantil (DI) é um tema bastante recente na literatura, já que a mesma não era reconhecida como uma doença que pudesse acometer crianças. Atualmente, ao ser reconhecida a sua existência, veio também, em seu bojo, uma gama de estudos que evidenciam o assunto, produzindo-lhe conceitos e características peculiares.

Considerando que o divórcio é um processo estressor, confuso e doloroso para qualquer membro da família, o mesmo pode desencadear entre outros malefícios, a depressão em

crianças. Assim, nesta breve análise que nos propomos a articular sobre a depressão, pretendemos esclarecer suas características e suas influências na aprendizagem da criança, sobretudo, no ambiente escolar. De modo geral, a depressão se caracteriza, conforme Holmes (1997, *apud* RIBEIRO; OLIVEIRA; COUTINHO, 2007, p. 418) como

[...] um transtorno de humor, porém ela abrange fatores cognitivos, comportamentais, fisiológicos, sociais, econômicos e religiosos, entre outros, estando presente em diversos distúrbios emocionais. Pode aparecer como um sintoma de determinada doença, ora coexistir junto com outros estados emocionais e outras vezes aparecer como causa desses sofrimentos.

Nesta mesma perspectiva, Calderaro e Carvalho (2005, p. 185) alegam que inúmeros sintomas estão relacionados à DI, dentro os quais as dificuldades de aprendizagem. Segundo os autores, os sintomas que aparecem em ordem de maior ocorrência vinculados à DI são:

[...] comportamento ambivalente, agressividade, indisciplina, problemas recorrentes de saúde, dificuldades na aprendizagem, distúrbios do sono, exposição a fatores de risco, comportamento retraído, enurese, mudança súbita no comportamento, atraso na linguagem, auto-agressividade, auto-estima rebaixada, hiperatividade, ansiedade, distúrbios alimentares, irritabilidade, presença constante de escoriações pelo corpo, cefaléia e comportamento bizarro.

Diante desses sintomas nos perguntamos: como pode uma criança se desenvolver saudável e integralmente se existe a presença desses problemas? Ou ainda como ela irá aprender, se o seu mundo interior está em conflito? Como ajudar a criança que se encontra em sofrimento psíquico?

A partir dessas indagações podemos afirmar que é fundamental que pais, familiares e profissionais da educação conheçam esses sintomas e saibam identificá-los, a fim de encaminhar essas crianças a profissionais que são habilitados em lidar com tais problemas os quais poderão dar a essas crianças, um tratamento adequado e eficaz, proporcionando-lhes uma vida mais saudável.

Coutinho (2005, *apud* RIBEIRO; OLIVEIRA; COUTINHO, 2007, p.419) salienta a importância de se conhecer as características da DI, uma vez que faz-se necessária

[...] atenção por parte dos familiares e equipe pedagógica acerca dos sinais e sintomas da sintomatologia depressiva na infância. Pois uma das dificuldades que agrava os sintomas da depressão em crianças deve-se ao fato de que os pais não reconhecem os sintomas observados em suas crianças e são incapazes de descrever seus filhos como seres imperfeitos. Outra dificuldade é a diferenciação de comportamento apresentado pela criança quando se refere ao contexto familiar e escolar.

Neste sentido, é essencial que a percepção das dificuldades da criança esteja despida de preconceitos e seja priorizado o bem estar da mesma. É importante considerar que a criança que sofre com a depressão, assim como um adulto, não consegue sair sozinha dessa situação sem a ajuda de pessoas que lhe acompanham. O comprometimento que a depressão pode causar no desenvolvimento da criança é bastante extenso e doloroso para a mesma, portanto, é relevante que seus pares estejam atentos na identificação desses sintomas. Conforme Reis e Figueira (2001, *apud* CALDERARO; CARVALHO, 2005, p. 182),

[...] realizar o diagnóstico não é fácil, na medida em que crianças e adolescentes não conseguem identificar ou nomear os sintomas que aparecem de maneira multifacetada. Os pais ou responsáveis geralmente procuram ajuda do pediatra por problemas que inicialmente não são identificados como sendo de depressão. As principais queixas orgânicas são cefaléia, dores abdominais, diarreia. Aparecem também a falta de apetite ou apetite exagerado, insônia, irritabilidade, agressividade ou passividade exagerada, choro sem razão aparente, dificuldades cognitivas, comportamento anti-social, indisciplina, idéias ou comportamento suicidas.

Esclarecidos os sintomas e as características da depressão, podemos salientar a importância dos estudos nesta vertente, bem como encontrar meios para facilitar, aos que acompanham essas crianças, a identificação desses sintomas. Neste sentido, Baptista e Golfeto (2000, *apud* RIBEIRO; OLIVEIRA; COUTINHO, 2007, p.425) esclarecem que

[...] os sintomas depressivos variam de acordo com a faixa etária e, como elas ainda não são capazes de descrever seus sentimentos verbalmente, é indispensável observar as formas de comunicação pré-verbal, tais como a expressão facial, produções gráficas, súbitas mudanças de comportamento e postura corporal, entre outras.

O ambiente escolar é um local privilegiado para a investigação desses aspectos, tendo em vista que o mesmo é o espaço onde as crianças se desenvolvem intelectual e

fisicamente, elaborando suas produções pessoais e onde o relacionamento social ocorre com maior intensidade. Por este motivo, salientamos a importância do envolvimento de educadores, pedagogos e outros profissionais da educação no conhecimento da DI e suas possíveis causas e conseqüências. Quanto a isso, Ballone (2004, *apud* RIBEIRO; OLIVEIRA; COUTINHO, 2007, p.426) esclarece que *“na fase escolar, o cansaço, a dificuldade de concentração, as alterações da memória, a astenia e adinamia são as complicações da depressão infantil que afetam muito o rendimento escolar e a aprendizagem”*.

Sobre esses aspectos residem nossa preocupação, tendo em vista que preconizamos o desenvolvimento integral das crianças e não o seu fracasso, sobretudo, dentro do ambiente escolar. Por isso, entendemos que quanto mais cedo for diagnosticada a DI, maiores serão as chances dessas crianças se desenvolverem sem empecilhos. Podemos notar essa preocupação, também, nos diversos autores que estudam a temática, conforme explicitam Calderaro e Carvalho (2005, p. 188):

Há um consenso entre os autores pesquisados de que a depressão na criança interfere em atividades fundamentais da vida e nas fases de desenvolvimento. Em razão disso, é muito importante o diagnóstico precoce, além, é claro, da efetivação de medidas visando à promoção da saúde mental.

Por meio da efetivação do diagnóstico precoce conforme o exposto acima, bem como da atenção direcionada para esclarecer possíveis sintomas da DI dentro do ambiente escolar e no ambiente familiar, podemos evitar o sofrimento psíquico da criança e problemas em seu ajustamento à escola.

A esse respeito, Ribeiro, Oliveira e Coutinho (2007) argumentam que educadores e pais, ao terem uma melhor compreensão dos fatores psicossociais que causam a depressão, podem se fazer mais presentes nas práticas preventivas e educacionais nas instituições de ensino, com a finalidade de contribuir para uma melhor qualidade de vida na infância.

Considerações finais

O presente estudo buscou esclarecer as relações existentes entre divórcio parental, depressão infantil e dificuldades de aprendizagem, uma vez que, como educadores, somos responsáveis pelo aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem o que requer uma atenção constante aos fatores que interferem nesse processo.

Por meio da revisão de literatura realizada, ficou evidente que o divórcio parental é um processo complexo, sobretudo, para os filhos, que se vêem muitas vezes desamparados e perdidos com a situação. Contudo, para que essas dificuldades sejam sanadas, é primordial que a relação parental durante e após o divórcio, seja a mais saudável possível, priorizando na relação entre pais e filhos a verdade e possíveis esclarecimentos do que está acontecendo e do que poderá vir a acontecer após o divórcio. Portanto, pudemos verificar que o maior problema no momento do divórcio não está na situação em si, mas em como os envolvidos lidam com a situação, sobretudo, os pais.

Atualmente, o divórcio não representa, tal como em muitos anos atrás, um episódio raro e inaceitável, pelo contrário, hoje é um processo bastante comum. Neste sentido, Travis (2003, *apud* CANO e cols., 2009), explica que na prática clínica de terapeutas de família, a separação conjugal aparece como uma das transformações mais frequentes, e é de consenso considerar esse processo e suas conseqüências como um evento familiar mais facilmente assimilado hoje do que alguns anos atrás. Conforme a autora, atualmente os filhos de pais separados são mais aceitos e socialmente amparados por colegas e pela escola do que no passado, quando havia maior preconceito.

Portanto, salientamos mais uma vez que o problema existente no processo pelo qual se desenvolve o divórcio reside, sobretudo, na forma de como os pais conduzem essa situação diante de seus filhos.

Esperamos, com a elaboração desta análise, auxiliar pais, familiares, educadores, pedagogos e demais profissionais que estão envolvidos com o desenvolvimento humano, para que obtenham maior conhecimento sobre o divórcio parental e o desencadeamento da depressão infantil e das dificuldades de aprendizagem de crianças em idade escolar.

Acreditamos que investigar as repercussões do divórcio sobre o desenvolvimento e a aprendizagem de filhos envolvidos nesse processo foi de suma importância para o nosso crescimento pessoal e profissional. Contudo, novos estudos devem ser realizados, uma vez que a presente pesquisa não esgota o assunto em questão, pois novas indagações precisam ser investigadas.

Referências

CALDERARO, R. S. S.; CARVALHO, C. V. Depressão na Infância: um estudo exploratório. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10, n.2, p.181-189, 2005.

CANO, D. S., GABARRA, L. M.; MORE, C. O., CREPALDI, M. A. As transições familiares: do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 214-222, 2009

HACK, S. M. P. K.; RAMIRES, V. R. R. Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p.85-97, 2010 .

NUNES-COSTA, R. A.; LAMELA, D. J. P. V.; FIGUEIREDO, B. F. C.. Adaptação psicossocial e saúde física em crianças de pais separados. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, vol.85, n.5, p. 385-396, 2009.

RAMIRES, V. R. R. As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 183-193, 2004 .

RIBEIRO, K. C. S.; OLIVEIRA, J.S.C.; COUTINHO, M.P.L . Representações sociais da depressão no contexto escolar. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 38, p.417-430, 2007.

SOUZA, R. M. Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 203-211, 2000 .